Encontro Nacional ANPOF: textos

FILOSOFIA ALEMÃ: DE KANT A HEGEL

Organizadores

Marcelo Carvalho

Vinicius Figueiredo

Nota preliminar

Estes livros são o resultado de um trabalho conjunto das gestões 2011/12 e 2012/3 da ANPOF e contaram com a colaboração dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação filiados à ANPOF e dos Coordenadores de GTs da ANPOF, responsáveis pela seleção dos trabalhos. Também colaboraram na preparação do material para publicação os pesquisadores André Penteado e Fernando Lopes de Aquino.

ANPOF – Gestão 2011/12
Vinicius de Figueiredo (UFPR)
Edgar da Rocha Marques (UFRJ)
Telma de Souza Birchal (UFMG)
Bento Prado de Almeida Neto (UFSCAR)
Maria Aparecida de Paiva Montenegro (UFC)
Darlei Dall'Agnol (UFSC)
Daniel Omar Perez (PUC/PR)
Marcelo de Carvalho (UNIFESP)

ANPOF – Gestão 2013/14
Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Ethel Rocha (UFRJ)
Gabriel Pancera (UFMG)
Hélder Carvalho (UFPI)
Lia Levy (UFRGS)
Érico Andrade (UFPE)
Delamar V. Dutra (UFSC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F487 Filosofia alemã de Kant a Hegel / Organização de Marcelo Carvalho, Vinicius Figueiredo. São Paulo : ANPOF, 2013.
770 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-88072-14-5

1. Filosofia alemã 2. Kant a Hegel 3. Filosofia - História I. Carvalho, Marcelo II. Figueiredo, Vinicius III. Encontro Nacional ANPOF

CDD 100

A Fenomenologia do Espírito como uma "pedagogia do caminho"

Marcos Fábio A. Nicolau*

* Doutorando em Filosofia da Educação – UFC.
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Resumo

Salienta-se no trabalho que a exposição do Espírito no sistema hegeliano confere um teor pedagógico a proposta da *Fenomenologia do Espírito*, pois aqui o indivíduo deve percorrer o caminho aberto pelo Espírito como condição para sua formação: o caminho da experiência da consciência, que para o filósofo, já é ciência (*Wissenschaft*) enquanto Saber Absoluto. Hegel nos mostra que as figuras da sensação, da percepção, do entendimento ou da força, primeiros momentos do processo, são momentos iniciais de um caminho a ser percorrido no desvelamento do próprio homem como ser-no-mundo, tornando a *Fenomenologia do Espírito* uma "pedagogia do caminho", um itinerário pedagógico da consciência em sua *Bildung*.

Palavras-chave: Bildung, Pedagogia do Caminho, Formação Humana, Idealismo, Saber Absoluto.

Em sua *Fenomenologia do Espírito*, Hegel propõe uma *Bildung* universal da consciência, que nesses termos pode ser configurada como uma *pedagogia da consciência*, cujo objetivo não será outro que a *formação integral* do indivíduo. Mas, cabe ressaltar, não há aqui a proposta da constituição de um manual escolástico de conceitos, juízos ou qualquer outro fundamento estático, mas uma reflexão filosófica que percorre todos os momentos de produção dos mesmos, demorando-se neles, compreendendo-os.

Porém, o começo desse processo é a carência da forma, pois "falta-lhe aquele aprimoramento da forma, mediante o qual as diferenças são determinadas com segurança e ordenadas segundo suas sólidas relações" (HEGEL, 2001, p. 27). É claro que é através do conceito que temos o "primeiro despontar" da coisa mesma, no

caso, do *mundo novo*, mas a mera definição, ou seja, a mera apreensão conceitual – o alicerce de um edifício científico – não configura o todo mesmo, ou a coisa mesma. Em Hegel, de nada adianta o conceito do todo se esse todo não for exposto em seu vir-a-ser, ou seja, o todo é necessariamente processo, fruto de um desenvolvimento anterior: é começo, meio e fim.

A verdade é o todo, e o todo é processo. Por isso, não se encontra na fixidez da *substância*, mas na fluidez do *sujeito*. Para Hegel o sujeito é configurado por uma relação de construção de si mesmo, ou seja, seu objeto é ele mesmo dentro de um movimento de formação e determinação. O verdadeiro é o todo racional, ele é a essência que é obtida no vir a ser, ele é *desenvolvimento*, pois a verdade é sujeito, enquanto esse é puro desenvolvimento de si.

Por isso, a questão do processo de formação do homem na *Fenomenologia* surge como resultado desse princípio: entender e exprimir o verdadeiro como sujeito. A verdade é uma construção do sujeito enquanto tal, um processo, e, como mencionado acima, não uma estática definição de algo.

Ressalta-se nessa passagem a identidade entre metafísica e epistemologia em Hegel, "ser é pensar" (HEGEL, 2001, p. 51), logo, conhecer a realidade a partir do conhecimento do ser em suas múltiplas formas é a destinação epistemológica do homem: o conhecimento nada mais é que a realidade expressa didaticamente, o que quer dizer, dialeticamente. Em Hegel, o resultado de tal processo apresenta-se como o fim da formulação de uma *filosofia prática* que não se esgota em uma mera abstração, pois sua análise fenomenológica do espírito exprime passo a passo os diversos momentos constituintes da totalidade do Espírito Absoluto, ou seja, ela é "um progressivo vir a ser consciente daquilo que é em si a verdade exposta pela ciência" (BECKENKAMP, 2009, p. 273).

Nesse processo, cabe ao indivíduo percorrer igualmente cada etapa do desenvolvimento do Espírito, vistas por Hegel como *figuras* que o Espírito *já abandonou*, na verdade uma "série de figuras que a consciência percorre nesse caminho [que] é, a bem dizer, a história detalhada da formação para a ciência da própria consciência" (HEGEL, 2001, p. 67). Tudo gira em torno do efetivar do Espírito no mundo e, embora sejam vários os sentidos expostos por Hegel no decorrer do sistema para esse termo – Espírito subjetivo, Espírito Objetivo, Espírito do mundo, Espírito de um povo, Espírito do tempo, Espírito absoluto –, todos devem ser compreendidos como momentos, ou fases sistemáticas de um único *Geist*, que mantém em sua estrutura, independente de qual seja a fase em que se encontre, três características: 1) é pura atividade; 2) desenvolve-se por estágios; e 3) "apossa-se" do que é outro, a natureza, compreendida como nível inferior ao Espírito.

A consideração dessa terceira característica do Espírito será vital a compreensão da *Bildung*, pois, como bem expõe no prefácio da *Fenomenologia,* a o indivíduo passará por um processo de transformação ascendente, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, como bem exemplifica: assim como uma criança,

que teve como primeiro momento de existência a "nutrição tranquila" da gestação, realiza um salto qualitativo, "a primeira respiração", o espírito experiencia momentos de ruptura, de tensão entre um estado tranquilo e um momento de ação, de mudança ou *trans-form-ação*. Embora esse "desmoronar-se gradual" não altere a fisionomia do todo, ele é responsável por uma determinação, ou re-significação do mesmo, que rompe com o seu "mundo anterior" e ruma a um "mundo novo". Não é difícil ver aqui o processo pedagógico, que, embora não seja o foco principal da proposta hegeliana, não fica fora do mesmo, fazendo parte desse processo.

Outro fator relevante é o caráter destrutivo que esse ideal carrega: "o lento processo de crescimento" (HEGEL, 2001, p. 26), ou seja, o desenvolver do espírito se dá através de uma ruptura, do desmanchar "tijolo por tijolo", ou mesmo do "desmoronar-se gradual" que perpassa o espírito em seu desenvolver. Esse aspecto negativo, próprio do método especulativo – que é expressão do próprio real em Hegel – também constitui um elemento necessário na constituição da *Bildung*. Por isso, Hegel expõe o "interromper" de um processo tranquilo, por uma desconstrução que é uma reformatação, uma transformação que também será interrompida "pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem (*bild*) de um novo mundo" (HEGEL, 2001, p. 26). O *novo mundo* é fruto de um processo, e não de um "tiro de pistola", eis já a prenúncio de uma "negação da negação".

A exposição do Espírito no sistema hegeliano confere um teor pedagógico a obra, pois o indivíduo deve percorrer o *caminho* aberto pelo Espírito como condição para sua formação: o caminho da experiência da consciência, que para o filósofo, já é ciência (*Wissenschaft*) enquanto Saber Absoluto (Cf. HEGEL, 2001, p. 72). Hegel nos mostra que as figuras da sensação, da percepção, do entendimento ou da força, primeiros momentos do processo, são momentos iniciais de um caminho a ser percorrido no desvelamento do próprio homem como *ser-no-mundo*.

Por isso, compreender esse processo implica na apreensão desses momentos, e isso somente é possível, como o próprio Hegel afirma em várias passagens, enveredando por esse denso e difícil percurso que a consciência trilha na busca de si mesma, ou seja, no *caminho da experiência da consciência*. Esse caminho não pode ser trilhado sem a desconfiança, cabe ao indivíduo experienciar **o "só sei que nada sei" socrático.**

Arriscar-se, então, é uma das propostas hegelianas. Dessa forma, arrisco-me nesse momento em selecionar os aspectos pedagógicos dessa proposta, por isso, ao analisarei a *Fenomenologia* tematizando-a como uma *pedagogia do caminho*.[1] O que surge como uma forma bastante conveniente para entender seu viés pedagógico (Cf. LIMA VAZ, 2001, p. 15).

[1] Mesmo ciente de que, como bem salienta Stewart em seu artigo, isso possa se tornar um problema a quem estude uma filosofia sistemática como a hegeliana, e principalmente sua Fenomenologia do Espírito (Cf. STEWART, 1995, p. 747-748). Isso torna a tarefa ainda mais complexa: selecionar sem quebrar a linha de argumentação do autor é o desafio. Que se torna ainda maior quando o que se tenta obter é uma argumentação *aparente tangencial* do objetivo geral da obra, uma teoria da educação em Hegel.

Na medida em que propõe um caminho que deve necessariamente ser trilhado pela consciência, fica claro que Hegel enceta na obra uma dimensão pedagógica. Além disso, se considerarmos a educação como um processo de *acompanhamento contínuo* dos avanços e retrocessos do desenvolvimento do educando, pressupondo-se que os mais experientes, por já terem trilhado o caminho do saber e tendo-o por referência, guiam os educandos nesse processo, a proposta da *Fenomenologia* nada mais é que o itinerário pedagógico da consciência em sua efetiva *Paideia*[2], pois o que vemos é uma *ideia consciente de educação* (Cf. JAEGER, 2010, p. 353-354).

Por isso, não é equivocado afirmar que essa é uma obra pedagógica, e que nela Hegel propõe uma *Bildung*. Pois, novamente com Lima Vaz, a *Fenomenologia do Espírito*: "**é** sobretudo a descrição de um caminho que pode ser levado a cabo por quem chegou ao seu termo e é capaz de rememorar os passos percorridos" (LIMA VAZ, 2001, p. 9).

Nesse caso, é óbvio que Hegel nos fala como um daqueles que conseguiram trilhar esse caminho, o que o justifica como um guia confiável nesse processo de formação. Pois apenas "quem chegou ao seu termo", é possuidor consciente da ideia de educação, encontrando-se em condições "de rememorar os passos percorridos", e tornar-se assim nosso παιδαγωγός nesse processo.[3] Porém, ao assumir tal função Hegel não propõe ser um "facilitador", antes assume o papel de um educador rousseauniano[4] que vê como regra mais útil à educação, não o ganho de tempo, mas a perda de tempo (Cf. ROUSSEAU, 1999, p. 91), ou seja, na perspectiva hegeliana, o indivíduo deve desvelar o sentido do caminho por si mesmo, deve deter-se na formação da consciência e apreender a estrutura do saber, pois esse caminho é tarefa de cada um, cabe ao filósofo apenas o convite e as mediações necessárias ao processo.

Esse convite ao processo da autoformação da consciência é desencadeado por uma predisposição comum a todos os homens. Saliente-se que o caminho proposto não é o de um *dever-ser* a ser buscado e nunca alcançado, não se propõe uma *ideia regulativa*, mas um caminho determinado, que visa um objetivo efetível pelo

---

[2] Essa conclusão é corroborada pela compreensão da palavra *pedagogo*, originária da época clássica grega, quando se empregava apenas como denominação do trabalho que realizavam os escravos, ou mesmo outras pessoas que acompanhavam, cuidavam e, em parte, educavam as crianças. A estes se dava a denominação *Paidagogos* (παιδαγωγός), cuja etimologia provém da junção do termo *Paidos*, que significa *criança* e *Gogía,* no sentido de *levar* ou *conduzir*. (Cf. CAMBI, 1999, p. 49; BECK, 1964, p. 105-110)

[3] Pois segundo afirma Rousseau: "Lembrai-vos de que, antes de ousar empreender a formação de um homem, é preciso ter-se feito homem; é preciso ter em si o exemplo que se deve propor" (ROUSSEAU, 1999, p. 93). Hegel trilhou e apreendeu o sentido desse caminho, o que o possibilita expor o mesmo na *Fenomenologia*.

[4] Dentre as obras principais da literatura filosófica do século XVIII, o *Emílio ou Da Educação* de Rousseau fora, com certeza, aquela que mais influenciou os filósofos alemães quanto a questão da formação do homem, logo, como afirma Hyppolite, não por acaso "Hegel lera o Emílio de Rousseau em Tübingen: nesta obra encontrara uma primeira história da consciência natural a elevar-se por si mesma até a liberdade, por meio das experiências que lhe são próprias e que são particularmente formadoras. O Prefácio da Fenomenologia insistira no caráter pedagógico da obra, na relação entre a evolução do indivíduo e a evolução da espécie, relação que também a obra de Rousseau considerava" (HYPPOLITE, 1999, p. 27).

indivíduo. O caminho proposto na *Fenomenologia* **não é uma "tentativa", mas a descrição de uma jornada já percorrida pelo filósofo e, mais importante,** *percorrível por todo e qualquer indivíduo*, pois é o caminho da consciência enquanto ruma ao Espírito Absoluto, que *já* **é**, **já** *se pôs*, já *se efetivou*, já *se objetivou*. Por isso essa obra constitui um verdadeiro mapa que marca claramente os passos rumo ao "tesouro", rumo a "meta" muito bem enfatizada: "o saber absoluto, ou o espírito que se sabe como espírito" (HEGEL, 1992, p. 220).

Por isso, Hegel não mais remete a algo que deve-ser efetivado, pois o processo já fora efetivado, e sua exposição somente fora possível por sua objetivação no real. O Espírito Absoluto pôs-se no mundo e está nele efetivado, cabe agora ao indivíduo tomar consciência disso, eis o sentido da *Bildung*. Para tal trilhará um caminho que já está traçado, mas que não se resume ao trajeto proposto na obra, ao fim da *Fenomenologia* o indivíduo encontra aberto diante de si um novo trajeto: o sistema de um idealismo absoluto que ruma para a efetivação da liberdade na objetivação do Espírito na Arte, na Religião e na Filosofia. Tal determinação do projeto da *Fenomenologia* é algo necessário porque, como bem afirma Hegel no prefácio,

> Só o que é perfeitamente determinado é ao mesmo tempo exotérico, conceitual, capaz de ser ensinado a todos e de ser a propriedade de todos. A forma inteligível da ciência é o **caminho** para ela, a todos aberto e igual para todos. A justa exigência da consciência, que aborda a ciência, é chegar por meio do entendimento ao saber racional: já que o entendimento é o pensar, é o puro Eu em geral. O inteligível é o que já é conhecido, o que é comum à ciência e à consciência não-científica, a qual pode através dele imediatamente adentrar-se na ciência. (HEGEL, 2001, p. 27)

O termo *exotérico* provém do grego, e refere-se aos ensinamentos transmitidos ao público em geral, sem restrições, pelas escolas filosóficas da antiguidade. Por sua vez o termo *esotérico*, também grego de origem, refere-se aos ensinamentos restritos aos iniciados dessas escolas. Por isso Hegel dirá que a ciência que apenas expõe seus conteúdos a partir dos resultados é algo de "posse esotérica", já que sem a exposição da forma, ou seja, do processo pelo qual se chegou aos resultados, apenas "uns tantos indivíduos" terão a ela acesso. Hegel não propõe isso – por mais incrível que pareça! –, pois preza pela "forma inteligível da ciência é o caminho para ela, a todos aberto e igual para todos" (HEGEL, 2001, p. 27), na verdade não é o conteúdo da ciência que deve ser publicizado, mas a sua forma inteligível, pois através dela a consciência pré-científica pode "adentrar-se na ciência".

Hegel afirma que a exigência de uma ciência pronta, ou seja, de uma ciência que já seja detentora de resultados, é uma exigência injusta e descabida, pois configura algo tão inadmissível quanto "não querer reconhecer a exigência do processo de formação cultural". A partir daqui podemos estabelecer uma relação intrínseca entre o processo de formação do indivíduo e a ciência enquanto tal, pois fazer ciência sem considerar o vir-a-ser dos resultados é tão irracional quanto pensar

um indivíduo formado/educado sem que tenha passado pelos momentos e desdobramentos da *Bildung*. Ambas as atividades dependem do experienciar de um necessário processo.

Hegel quer nos deixar cientes de que o caminho da *Fenomenologia* não é o de uma proposta de âmbito meramente abstrato, mas que assume um valor objetivo na vida do indivíduo que a ela se engaja. Em Hegel, esse efetivar-se do Espírito representa o próprio saber absoluto, ou seja, a ciência, que é um empreendimento especificamente humano, logo realizável por qualquer indivíduo que se proponha a tal. A ciência tem como seu fundamento o inteligível, ou seja, a racionalidade do discurso humano. Tal inteligibilidade perpassa não apenas o "homem da ciência", mas também se faz presente no homem do senso comum, o que difere entre ambos é o grau de desenvolvimento da consciência, já que também esse último é capaz de "adentrar-se na ciência" a qualquer momento.

Isso é uma perspectiva importante na construção dessa interpretação da *Fenomenologia* como matriz de um itinerário pedagógico universal, pois salienta a didática presente em seu conteúdo. Qualquer indivíduo pode percorrer esse caminho, que segue uma coerência didática partindo do mais simples ao mais complexo, configurando-se

> como o **caminho** da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro. Ou como o **caminho** da alma, que percorre a série de suas figuras como estações que lhe são preestabelecidas por sua natureza, para que se possa purificar rumo ao espírito, e através dessa experiência completa de si mesma alcançar o conhecimento do que ela é em si mesma. (HEGEL, 2001, p. 66)

Note-se que o caminho proposto tem como primeiro momento a consciência apreendida ainda em sua imediatidade sensível, o mesmo nível que se atribui a uma criança em suas primeiras experiências com a realidade que a cerca, ou seja, tal caminho é o próprio homem em seu processo natural de maturação: inicialmente destaca-se o puro ver, o puro ouvir, o puro sentir (*A certeza sensível*), visando o elevar-se ao nível do conceito, o que ocorre dialeticamente (Cf. CHAGAS, 2008, p. 26).

Cada momento da exposição hegeliana desdobra-se em figurações cada vez mais determinadas, de modo que Hegel não vê para a obra outro objetivo que não seja a da formação integral da consciência. A *Fenomenologia* é um verdadeiro convite à formação que leva-nos a um ponto central, pois, assim como um belo jardim em forma de labirinto, ela consiste em um único caminho que, ainda que com voltas que serpenteiam em sentido necessariamente circular de desenvolvimento, possui uma teleologia própria, pois "Para tornar-se saber autêntico, ou produzir o elemento da ciência que é seu conceito puro, o saber tem de se esfalfar através de um longo **caminho**" (HEGEL, 2001, p. 35).

Na proposta hegeliana, a ciência "tem de se esfalfar" (*durchzuarbeiten*) nesse caminho, ou seja, deve extenuar-se, esgotar-se nesse caminho, pois o indivíduo

deve entrar em uma espécie de luta pelo saber autêntico. Isso me remete a idéia de "jogo" (*ludens*) como processo de formação do indivíduo, mas em Hegel não há jogo no sentido de uma prazerosa e despretensiosa atividade, e sim como uma "luta" por algo.[5] Mesmo que esse processo represente uma libertação do indivíduo de um estado de inconsciência, o que lhe conferiria um status "lúdico" bem positivo, o caminho da experiência da consciência é marcado mais por uma experiência trágica, uma verdadeira experiência de morte, do que por uma atividade praticada por puro lazer.

A seriedade e o rigor desse discurso ainda será algo inalienável a quem trilhe esse caminho, o que me permite compreender que o caminho proposto por Hegel – assim como o próprio processo educativo – é uma atividade ardil, não necessariamente prazerosa, pois agônica. Ao nível educacional é de extrema importância que não se explique o que é essa experiência de morte, ou essa luta, pois é necessário que o indivíduo a desvele por si mesmo, na sua própria vivência. Deve ser o próprio indivíduo a decidir alcançar a verdade.

Lembremos que o personagem liberto, na alegoria platônica, esforça-se por convencer os prisioneiros que vivem na ignorância que as sombras são falsas, e que a luz está mais para lá do muro. Mas a decisão não cabe a ele, cabe aos prisioneiros optarem pela saída da caverna. No entanto, todo indivíduo deve estar ciente que é no momento em que "sai da caverna" que começa realmente a atividade pedagógica[6] e, consequentemente, sua *agonia* (γώ̓ν). O jogo de *agón*, ou *agonístico*, era praticado na antigüidade clássica até a *agonia*, ou seja, até o limite humano, no qual o mesmo entra *em crise* (**κρίσης**), e é assim o caminho que Hegel propõe aqui na *Fenomenologia* (Cf. HUIZINGA, 2007, p. 48).

O indivíduo assume nesse caminho pedagógico uma responsabilidade que também é uma das maiores marcas da novidade hegeliana: a história da huma-

[5] A ludicidade do discurso hegeliano não está na idéia "despretenciosa" de uma atividade prazerosa que os atuais pedagogos usam como artifício para o desenvolvimento infantil, mas em uma perspectiva ontológica do *homo ludens*, descrita por Huizinga como detentora de uma função do jogo derivada diretamente de dois aspectos essenciais: "O jogo é uma luta por algo ou uma representação de algo. Ambas as funções podem fundir-se de forma que o jogo represente uma luta por algo, ou seja, uma aposta para ver quem reproduz melhor algo" (HUIZINGA, 2007, p. 28). Em Hegel vemos esse processo do jogo nos graus pelos quais a consciência vai avançando dentro de si, reproduzindo cada vez melhor a si mesmo, ou seja, o espírito consciente de si.

[6] A comparação dessa proposta hegeliana à interpretação pedagógica da *Alegoria da Caverna* platônica, encontrada no *livro VII* d'*A República*, é inevitável. O personagem Sócrates retrata um processo de ascese marcado pela dor e pelo esforço daquele que se vê livre de suas correntes e busca "sair da caverna". Segundo a narração platônica: "Logo que alguém soltasse um deles, e o ***forçasse*** a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e olhar para a luz, ao fazer tudo isso, ***sentiria dor***, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora", e continua, "E se o ***arrancassem dali à força*** e o fizessem subir ***o caminho íngreme e rude***, e não o deixassem fugir antes de o ***arrastarem*** até a luz do Sol, não seria natural que ele ***se doesse e agastasse***, por ser assim arrastado, e, depois de chegar a luz, com olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos?" (PLATÃO, 515a-e, 1987, p. 316). É claro que não se quer aqui desconsiderar o caráter lúdico da educação enquanto tal, é claro que a educação pode ser algo prazeroso, mas isso não é toda sua verdade, viso também chamar a atenção a uma compreensão do processo educacional marcada pelo *esforço* do indivíduo.

nidade se faz presente na sequência de figuras pelas quais o Espírito universal já passou. Hegel foi, sem dúvida, um dos primeiros filósofos a propor uma relação entre o ser ontológico e o ser histórico do homem, por isso conclui o percurso da *Fenomenologia* na consideração da historia como o local por excelência do desenvolvimento do Espírito.

O singular, ou seja, a consciência individual deve reconhecer, ou ser consciente, que seu caminho é marcado pelo ideal do Espírito, efetivado por seu progresso histórico. É pertinente ressaltar o ideal de progresso, que marca profundamente o período pós-revolução francesa, tornando-se a principal característica do *novo mundo* a que o indivíduo em formação se depara.

> sendo repleto de avanços e aprendizados, esse processo é contínuo, pois se identifica com o Espírito, que "nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para frente" (HEGEL, 2001, p. 26). Novos saberes e experiências serão, por sua vez, ultrapassados por outros em um ciclo constante. Por isso o indivíduo não parte "do zero" em seu processo de formação, pois herda uma série de conhecimentos e experiências das gerações passadas (tradição)[7], isso marca seu *ser histórico*: o indivíduo singular não vive apenas a sua historia, mas a historia do gênero humano enquanto tal, o que implica na vivência da própria historia do Espírito do Mundo (*Weltgeist*).

Seu avanço representa o avanço do Espírito, agora objetivado na historia. Não por acaso, Hegel (2001, p. 36) enfatiza o dever do indivíduo singular de percorrer os *degraus-de-formação-cultural* do Espírito, o que faz de sua existência uma verdadeira experiência pedagógica. A identidade aludida por Hegel entre essa historia do espírito do mundo e o progresso pedagógico ratifica minha apresentação do *caminho da experiência da consciência* da *Fenomenologia* como uma verdadeira proposta pedagógica. Nosso filósofo vê uma pedagogia no auto-desenvolver do Espírito, assim como identifica a própria atividade pedagógica com esse auto-desenvolvimento.

Cada época da historia da humanidade assemelha-se a um degrau na escada ascendente a ser percorrida pelo indivíduo em sua formação. No entanto, esse processo "acumulativo" não configura uma mera *coletânea* de saberes e experiências – cabe salientar que Hegel nunca fora favorável aos ideais enciclopédicos franceses[8] –, pois o indivíduo não as percorre sem uma postura crítica e reflexiva, filosófica

[7] Em suas Lições de história da filosofia, afirmará: "O patrimônio da razão autoconsciente que nos pertence não surgiu sem preparação, nem cresceu só do solo atual, mas é característica de tal patrimônio o ser herança e, mais propriamente, resultado do trabalho de todas as gerações precedentes do gênero humano" (HEGEL, 1974, p. 327).

[8] Hegel é um crítico do ideal enciclopédico francês (Diderot e D'Alambert), pois considerava a *Encyclopedie* uma mera coletânea de informações soltas e particulares. Evidencia essa crítica em nota ao §16 da *Enzyklopädie*, onde afirma que a enciclopédia ordinária é um mero "agregado das ciências, que são acolhidas de modo contingente e empírico, e entre as quais há algumas que de ciências tem apenas o nome, embora elas mesmas sejam uma simples coleção de conhecimentos. A unidade em que, num tal agregado, as ciências se juntam – já que são acolhidas de maneira exterior – é uma unidade igualmente exterior: uma *ordem*. Essa ordem deve necessariamente pelo mesmo motivo e também porque os materiais são de natureza contingente, permanecer um *ensaio*, e apresentar sempre lados inadequados." (HEGEL, 1995, p. 56)

e científica. Nesse processo o indivíduo apropria-se do *ser-aí passado*, não como fatos a serem lembrados, mas a serem refletidos e "apropriados", pois somente na apreensão do que as gerações passadas objetivaram na historia podemos experienciar a *Bildung* enquanto tal (HEGEL, 2001, p. 36).

Não podemos esquecer que o passado é presente efetivado, assim como futuro é presente a ser vivenciado. Essa relação do indivíduo com o tempo enquanto *espaço de vivência* é de suma importância para compreensão do projeto hegeliano, pois o sistema do idealismo absoluto encontra-se em uma holística concepção de tempo, ou seja, a consciência em formação é passível da influência desse *eterno presente*, já que a historia enquanto tal é um movimento racional, no qual o Espírito *ocorre* no mundo. Os *atos do Espírito* estão todos à mercê da reflexão humana, que em seu vir-a-ser acaba por absorvê-los para si, tomando finalmente *consciência-de-si*. Por isso, não podemos desconsiderar esse elemento *inorgânico*, pois histórico, que perpassa a formação humana.

Hegel é explicito ao afirmar que a *Bildung* é uma "natureza inorgânica" a ser assumida e apropriada pelo indivíduo, por sua vez, para o espírito universal, ela é a substância, enquanto reconhecimento de si. Isso sugere uma meta final para a *Bildung*: "a intuição espiritual do que é o saber", a ser experienciado pelo indivíduo ao "demorar-se em cada momento", assim como o faz o espírito. Na *Bildung*, o indivíduo efetiva em si o "espírito do mundo", tomando-o como sua substância no trilhar paciente do caminho que demanda "uma longa extensão de tempo" e no empreender do "gigantesco trabalho da historia mundial" (HEGEL, 2001, p. 36).

O que ocorre no tempo, a historia, é um elemento essencial ao ser humano, representa sua *natureza inorgânica*, ou seja, uma natureza adquirida, não inata, mas vivida. E será essa vivência que caracterizará a *Bildung*, pois cabe ao indivíduo apoderar-se dessa natureza inorgânica, consumindo-a em sua via existencial e formativa. Por sua vez, ao Espírito Absoluto cabe o reconhecimento desse processo como puro auto-desenvolver, pois ele é a pura substância desse processo, tudo que é vivenciado pelo indivíduo é experiência *do* e *no* Absoluto. Hegel enfatiza que a *Bildung* consiste no doar-se dessa *substância* – nunca podemos esquecer que a *Bildung* é uma via de efetivação do Espírito Absoluto no mundo e, como tal efetivação, é o principal objeto descrito pelo sistema hegeliano.

Por esse motivo, afirmo que o sistema do idealismo absoluto se configura como uma verdadeira *Bildung*: a proposta pedagógica enquanto tal representa uma formação do indivíduo para a vida. Nesse sistema cada momento do processo educativo encaminha para uma *vida boa* que é, em Hegel, a expressão máxima do espírito absoluto apreendido pelo indivíduo: a *eticidade* ou *vida ética* (*Sittlichkeit*). A identidade entre a educação e o idealismo hegeliano não é uma coincidência ou uma inferência externa extraída de minha interpretação, pois é inegável que o filósofo tece em seu sistema uma proposta de formação integral da consciência, que posso muito bem alargar para fins educacionais (HEGEL, 2001, p. 36).

A ciência aqui é tanto o processo quanto o resultado, a "coroa" mencionada acima, pois é ela tanto o processo do saber quanto o saber mesmo. É por isso que esse começo é já "o todo" em seu retorno a si mesmo – esse retorno é o que configura a interrupção do "sol nascente". Sendo a ciência "a coroa de um mundo do espírito", e sendo este um "novo espírito" (HEGEL, 2001, p. 27), concluímos que a ciência deve ser capaz de apreendê-lo em seu processo, logo, a ação formadora da *Bildung* faz-se presente como uma necessidade para a atividade científica. O ato de conhecer, que aqui não se resume ao mero definir ou significar, deve ir além da apreensão do resultado.

A ampla transformação da qual proveio o novo espírito é o produto de inúmeras "formas de cultura", ou seja, de uma objetivação do espírito, representada pela atitude mental, pelo gênio e pelo temperamento constituidores de uma época (*Geist der Zeit*), ou seja, o espírito comum de um grupo social, objetivação do espírito subjetivo (costumes, leis, instituições, etc.). Para Hegel o "espírito novo" é o "prêmio de um itinerário complexo", pelo qual passa o espírito absoluto, e pelo qual passará o indivíduo em sua formação/educação.

Dessa forma, o resultado do caminho é essa expressão do espírito, a *ciência*, relacionada diretamente à *vida ética* e, consequentemente, a um movimento de formação cultural. Em uma palavra, a objetivação desse ideal está na ciência, figuração última da *Fenomenologia*, desde então denominada *saber absoluto*, possuída apenas por quem trilhou *o caminho da experiência da consciência*. Porém, Hegel mais uma vez enfatiza o esforço a ser realizado pela consciência nesse caminho, a começar pela *paciência no conceito* que a mesma terá de desenvolver na longa extensão que deverá *necessariamente* ser percorrida em todos os seus momentos – não há "atalhos" nessa jornada –, que por sua vez devem ser morosamente experienciados, refletidos, superados e apropriados (*Aufhebung*). Já que

> A impaciência exige o impossível, ou seja, a obtenção do fim sem os meios. De um lado, há que suportar as longas distâncias desse **caminho**, porque cada momento é necessário. De outro lado, há que demorar-se em cada momento, pois cada um deles é uma figura individual completa, e assim cada momento só é considerado absolutamente enquanto sua determinidade for vista como todo ou concreto, ou o todo [for visto] na peculiaridade dessa determinação. (HEGEL, 2001, p. 36)

Tempos depois, em Nüremberg, Hegel irá argumentar nessa mesma via, ao denunciar certa "impaciência" da pedagogia moderna que aspira aprender a filosofar[9] sem conteúdo, o que o filósofo acredita ser tão absurdo quanto sempre viajar sem, no entanto, chegar a conhecer nenhuma cidade, rio, países ou homens. Cabe ao "viajante" da *Fenomenologia* ser paciente e deliberar o tempo que for necessário

[9] Saliente-se que para Hegel a filosofia autêntica é "esse longo caminho da cultura, esse movimento tão rico quanto profundo através do qual o espírito alcança o saber" (Hegel, 2001, p. 59), não podendo assim ser diferenciada da ciência enquanto tal. Sem filosofia a ciência não possuiria em si "nem vida, nem espírito, nem verdade" (Ibidem).

ao todo que é cada momento desse caminho. Para Hegel, a *Fenomenologia* não é um manual de *como viajar*, não deve ser considerada instrumento (Órganon), mas sim, a própria viagem que cada indivíduo é impelido a realizar em sua formação, dessa maneira "não só se aprende, mas efetivamente já se viaja" (HEGEL, 1989, p. 371). Ler a *Fenomenologia* de Hegel é já realizar essa viagem, afinal de contas "o **caminho** para a ciência já é ciência ele mesmo e, portanto, segundo seu conteúdo, é ciência da experiência da consciência" (HEGEL, 2001, p. 72). Essa experiência de leitura, juntamente com as conseqüentes reflexões e interpretações que se produzirão no leitor implicará em um processo de auto-conscientização, que aqui identifico à *Bildung*.

Referências

HEGEL, G. W. F. (2001) *Fenomenologia do Espírito - Vol. I.* Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Efken. Petrópolis: Vozes, 2001.

__________. (1992) *Fenomenologia do Espírito - Vol. II.* Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Efken. Petrópolis: Vozes.

__________. (1989) *Propedêutica Filosófica.* Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

__________. (1995) *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio III: Filosofia do Espírito.* Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola.

__________. (1974) *Introdução à Historia da Filosofia.* São Paulo: Abril Cultural.

BECK, F. A. G. (1964) *Greek education, 450-350 B.C.* Nova York: Barnes & Noble.

BECKENKAMP, J. (2009) *O Jovem Hegel:* Formação de um Sistema pós-kantiano. São Paulo: Loyola.

CAMBI, F. (1999) *História da pedagogia.* Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP.

CHAGAS, E. F. (2008) *A experiência da consciência na "Introdução" à Fenomenologia do Espirito de Hegel*. In: ______.; NICOLAU, M. F. A.; OLIVEIRA, R. A. *Reflexões sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel.* Fortaleza: Edições UFC, p. 13-26.

HYPPOLITE, J. (1999) *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel.* Tradução de Silvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial.

JAEGER, W. (2010) *Paideia – A formação do homem grego.* Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes.

PLATÃO. (1987) *A República*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbunkian.

ROUSSEAU, J.-J. (1999) *Emílio ou Da Educação.* São Paulo: Martins Fontes.

STEWART, J. (1995) The architectonic of Hegel's Phenomenology of Spirit. In: *Philosophy and Phenomenological Research,* v. 55, n. 4, p. 747-776.